

Dor polifacética

Keylla Tempel Jung¹
Magda B. Martins Costa²
Rafael Werner Lopes³

Resumo: O artigo procura apresentar uma possibilidade de redefinição do ser humano através do tema da dor. A dor não indica o que é o mundo em si mesmo, mas uma experiência humana do mundo, uma parte da dinâmica da própria existência. Física ou psiquicamente, a dor se instala na fronteira de entrelaçamento do corpo e da psique. Psicanálise e filosofia podem contribuir para a desconstrução do preconceito acerca do sentido que o tema proposto tem na existência humana e para a sua restituição como questão polifacética.

Palavras-chave: Dor polifacética. Filosofia. Preconceito. Psicanálise.

[...] não importa aquilo que alguém é ou aquilo que alguém tem: a dor essencial à vida nunca se deixa eliminar [...]. Fui filho de Zeus, de Cronos, entretanto sofria indizíveis aflições⁴.

Diagnóstico de nossos tempos

Nossos tempos são expressão de um legado histórico que, de múltiplas maneiras, construiu diferentes concepções de ser humano. Essas concepções assentam em um preconceito que atribuiu à essência humana a exclusividade de

-
- 1 Psicóloga. Membro do ESIPP Porto Alegre (Estudos Integrados de Psicoterapia Psicanalítica).
 - 2 Psicóloga. Membro do Instituto da SBPdePA (Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre). Membro do CEPde PA (Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre).
 - 3 Doutor em Filosofia. Membro provisório do CEPdePA (Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre).
 - 4 SCHOPENHAUER. Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

uma perspectiva racional ou espiritual. Tal preconceito afastou o ser humano de sua proximidade com os outros seres e com a natureza, concebendo a noção de corpo como um obstáculo para o desenvolvimento da humanidade.

O preconceito que estabeleceu a superioridade da alma e da razão em contraste com a inferioridade do corpo e dos sentidos submergiu na história e determinou o imaginário humano, imprimindo sentido na forma como este se compreende e vive. Essa mesma perspectiva está no cenário que favoreceu o deslocamento da centralidade da experiência de dor para a periferia da existência humana.

Pensar o ser humano em suas condições de existência exige um esforço investigativo e crítico a respeito das convicções que formamos, por herança ou construção intuitiva, a respeito de nós mesmos. Isto requer procurar pontos a partir dos quais construímos nossas imagens acerca do que significa o ser humano. Pontos sobre os quais não refletimos. Procurar pelas bases do que somos e como nos compreendemos passa, inevitavelmente, pela relação que se estabelece entre corpo e psiquismo, e como nela surge um cenário de sentido da existência que se forma através da experiência da dor. Assim, mais do que uma questão das ciências, a dor é um tema que envolve múltiplos saberes. E isso significa que enfrentamos dificuldades ao tentar submeter o tema da dor a uma única e exclusiva estrutura teórica.

A noção de dor parece marcada por uma diversidade de representações, por uma estrutura de compreensão polifacética. Isso ocorre pela possibilidade de a dor não ser um tipo de constitutivo do mundo, como uma realidade em si mesma, mas, pelo contrário, por ser um tipo de acesso do humano ao mundo, um constitutivo de sua existência.

Deslocamento de sentido

Boa parte das experiências de sofrimento humano tem a ver com uma repulsa radical da dor, concepção esta que conduziu o homem em uma realização da vida pela experiência unilateralizada dos prazeres como marca exclusiva da ideia de felicidade. E é justamente a esse respeito que precisamos direcionar uma investigação crítica. E, mais do que mostrar uma ideia de ser humano, explorar a forma como ele se compreende e como lida com a dor na qualidade de constituinte da existência.

Física ou psiquicamente, a dor se instala na fronteira de entrelaçamento do corpo e da psique. Esse acontecer se dá num instante atravessado por tempo e espaço, se dá no limite entre o eu e o outro, no equilíbrio e desequilíbrio do psiquismo.

As tentativas de explicar o fenômeno da dor podem conduzir nossas investigações de aspectos físicos para não físicos. Trata-se de iniciar as reflexões por meio do aparente e, aos poucos, descobrir um universo de possibilidades e indefinições que exigem uma forma mais complexa e integralizadora que recoloca a dor em sua potencialidade filosófica.

Podemos tomar duas direções básicas para explicar a concepção de dor. Por um lado, pode ser concebida como algo que ocorre em uma parte do corpo. Nesse sentido, verbos como *sentir* e *experimentar* aparecem como relações epistêmicas às dores atribuídas a partes do corpo. A dor pode designar um local ou descrever uma relação epistêmica. Por outro lado, ela pode aparecer como experiência subjetiva. Não sendo tratada como objeto de experiências perceptuais, mas como uma experiência em si mesma, relativiza-se a necessidade de uma ocorrência física como condição para o reconhecimento do fenômeno doloroso. Assim, o eu é quem capta e representa a dor, porém se equivoca ao julgar que, no que se refere às mazelas do corpo, a dor está circunscrita à lesão corporal.

A formação do preconceito

Purificação, logocentralização, ascese, controle, condução, nomeação, definição, organização, imposição, pensamento, ideia, espiritualização, repressão, obsessão racionalística, monopólio humano, especialidade, singularidade, superioridade, complexidade, supranaturalidade, divindade... Corpo, sentidos, emoções, desejos, desvios, obstáculos, desvirtualizações, afetações, descontrole, desconfiança, desejos marginalizados, sentidos reprimidos, afetos vexatórios, instintos, paixões, o inominável, o repudiável, o reprimível, vergonha, negação, animalização, naturalização... O abandono dos estados de afetação e a construção do pensar... A disposição totalitária da racionalidade apenas tolera o que pode ser controlado.

Na esfera de acontecimentos que marcam o corpo, o prazer aparece como aquilo que afirma a vida do organismo, como o que garante sua manutenção, e a dor é concebida como aquilo que nega a vida e surge como marca da hostilidade da existência. Platão, no diálogo *Fédon*, faz referência ao aparente desconcerto existente na relação entre a natureza do prazer e aquela que se julga ser o seu contrário, a dor. “Tanto um como o outro recusam ser simultâneos no homem; mas procuremos um deles – tenhamos preso um deles – e estaremos sujeitos a quase sempre encontrar o outro, como se fosse uma só cabeça ligada a um corpo duplo!”⁵. Em *Fedro*, Sócrates afirma que um dos princípios do ser humano é o

5 PLATÃO. *Fédon*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 60.

desejo inato do prazer. Já em *Filebo*, a dor ocorre quando a harmonia ou proporção do ser vivo é ameaçada ou comprometida.

Os diálogos platônicos remetem ao limiar entre prazer e dor, expressões que têm lugar no corpo. A fronteira entre essas duas instâncias, por sua vez, pode marcar tanto a diferença como a tênue linha em que a indiferença e a fusão se produzem. Ao conceber a existência, Platão reconhece o conflito das emoções e a tarefa do filósofo em afastar sua alma do corpo.

Aristóteles, por sua vez, afirma que a emoção é uma afeição acompanhada por prazer e dor⁶. Ambos são estados que denunciam o valor de algo para a vida. Doloroso é o que afasta o ser humano de sua condição natural, condição esta que é marcada pela persecução de *logos*, algo que é contrário às suas necessidades e desejos⁷. De certa forma, parece haver, nos antigos ensinamentos, um tipo de inclinação a evitar os acontecimentos que têm lugar no próprio corpo, mesmo sendo estados de prazer ou de dor. Sábio é aquele que atinge a imperturbabilidade diante de paixões e desejos. É isto o que buscaram diferentes pensadores com as noções de *euthymia* (tranquilidade, serenidade de espírito), moderação, equilíbrio, ataraxia ou apatia.

Mesmo sendo encarada em sua inevitabilidade na existência e como um obstáculo para o desenvolvimento da humanidade, a experiência de dor oferece exemplos de sua integração à vida através de uma função soteriológica, salvífica que, por seu enfrentamento e superação, oferece a possibilidade de redenção. Em seus sermões, Agostinho afirma que a resistência às paixões destrutivas, tais como fome, guerra, morte, roubo e cobiça, acompanhada dos sentimentos de alegria e resignação, pode gerar a salvação. Nesse sentido, a perdição humana está relacionada com uma vida de fraquejos e recusa diante das experiências dolorosas.

As culturas antigas já reconheciam que as paixões corporais influenciavam nossos estados psicológicos. A recomendação de cuidados paliativos denuncia a consciência da necessidade de administrar as experiências doloridas e de como estas influenciam em nossas disposições psicológicas. Nesse sentido, através da redução da dor física, pode-se produzir estados de tranquilidade e disposição psicológica para atingir a serenidade. Os gregos não afastavam a dor física, pois poderia sinalizar um perigo a partir do qual se deveria agir para a restituição da saúde e preservação da vida. Esse tipo de dor, que sinaliza perigos e é afirmativa

6 ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985. (II, 5, 1105b 21).

7 ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959. (I, 11, 1369 b 33).

da vida, deve ser caracterizada por intensidade e brevidade. Entretanto, a dor torna-se um problema quando é caracterizada por permanência e intensificação. Um estado de indiferença pode decorrer do hábito e continuidade da dor, assim como das experiências de prazer e satisfação. A indiferença indica o desaparecimento consciente da dor ou prazer.

Interesse pelo tema da dor

A dor passa à agenda de interesses filosóficos quando é reconhecida em sua possibilidade não física. E a tentativa de combater essas dores passa, inicialmente, por recomendações de procedimentos físicos com vistas a atingir estados de imperturbabilidade. Por exemplo, a dor sentida pelo abandono da pessoa amada inicia seu quadro sintomático pelo corpo. Em Avicena, os sintomas se expressam fisicamente como olhos cavos e secos, falta de lágrimas, movimento contínuo das pálpebras e respiração irregular. Os métodos utilizados para se eliminar a dor passam pela recomendação de banhos em água doce, forçar o doente a ter relações sexuais com escravas, além de promover sangrias que causem diminuição do humor vital. Já Ibn Eddjezzar recomenda que o doente beba vinho, escute música e realize passeios em belos jardins na companhia de homens e mulheres de aspecto agradável. Todavia, encontramos em Avicena uma sugestão de cuidado não físico, de ordem psicológica. O autor recomenda que outras mulheres denigram constantemente o nome da amada⁸.

Schopenhauer: erro inato e otimismo

“Olha para isto, isto é a vida!”⁹ É o que propõe Arthur Schopenhauer, ao apresentar uma visão crítica acerca de nossa história. O pensador elabora um diagnóstico de seu tempo através da identificação de uma visão de mundo ancorada no que ele definiu como erro inato, levando a humanidade a assentar o sentido da existência numa perspectiva otimista. Schopenhauer afirma que esse dogma otimista aparece originalmente na ideia de *nous*, proposta por Anaxágoras. A noção de *nous* concebe um espírito, ou inteligência, que está presente nos elementos físicos que compõem a realidade.

Talvez nossa história tenha sido construída desde uma perspectiva que, outrora aberta a múltiplos caminhos e possibilidades, noção viabilizada por uma ideia de

8 ECO, Umberto. La filosofia è la cognizione del dolore. **La Repubblica**. 05/05/2015.

9 SCHOPENHAUER, Arthur. **Die Welt als Wille und Vorstellung**. Sämtliche Werke. Bd. II. Stuttgart/ Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1986. p. 522.

experiência aberta e anterior às organizações epistemológicas, cristalizou-se como visão racionalizada do mundo. Essa perspectiva pode ser narrada em termos de reconhecimento de uma força ou essência inteligente como ordenadora do cosmos. Assim, é possível afirmar que a realidade seria expressão e movimentada pelo intelecto, assim como a vontade seria orientada pelo conhecimento. A vida seria uma necessidade do próprio mundo, e tal necessidade se expressaria em termos de desenvolvimento da razão que emerge nos seres humanos. A partir disso, pensamos que tudo o que favorece o desenvolvimento dessa essência do mundo é bom, e tudo aquilo que dificulta seu processo é mau. Nossas primeiras convicções morais estão assentadas em uma posição dogmática e otimista.

A perspectiva otimista acerca da vida gera um comportamento refratário às experiências de dor, comportamento ancorado no possível equívoco diante da existência enquanto concebe a primazia do intelecto frente à vontade e caracteriza a dor em sua accidentalidade. Schopenhauer, diferentemente, concebe corpo e existência como realidades atravessadas pela natureza da dor. O erro inato consiste em crer que existimos para ser felizes. Essa perspectiva pode ter marginalizado a experiência da dor e estabelecido uma visão unilateralizada do ser humano, excluindo uma série de experiências constituintes da existência. O que é recusado numa visão otimista da vida é a possibilidade de que o mundo não exista de acordo com uma concepção adequada ao intelecto. Essa visão também considera que o mundo seguiria existindo em seus aspectos fundamentais caso as experiências dolorosas desaparecessem. A dor não é negação da vida, e pensar o contrário indica uma tendência totalitária da racionalidade em lidar com um estado de afetação que, no corpo, luta por impor-se a outros afetos.

Positividade da dor

E se a dor não fosse mais tomada em seu aspecto negativo? Ousar refletir sobre sua constituição e significado poderia recolocar o próprio sentido da existência humana. Se a dor é um constituinte fundamental da existência, e sua disposição é afirmativa da vida, então sua experiência tem influência na forma como pensamos e como vivemos.

Na cartografia do corpo, nos registros de sua erotização, ou nos refúgios da alma, a dor se apresenta através de sussurros ou de gritos. O gesto marca, o afeto persiste, é experiência que imprime significado. E a dor, em vez de negar a vida, talvez possa ser vista em seu caráter afirmativo.

É possível que uma visão equivocada acerca da dor e de como ela constitui nossa existência em seu aspecto negativo, como ela aparece como denúncia de

um lado hostilizante do mundo, como negação da vida, possa ter gerado comportamentos progressivamente inaptos a experiências de dor. Talvez essa inaptidão às experiências dolorosas seja potencializada pelo desenvolvimento da indústria farmacológica que, através de múltiplos meios, reduziu os enfrentamentos com a dor. A debilidade humana para lidar com a dor pode estar ancorada na forma como ela é considerada no conjunto da existência.

E se refizéssemos esse caminho que cristalizou a dúvida em convicções que habitam nossas vidas até suas origens? E se pudéssemos experimentar outros pontos de partida?

Ao ancorar o ser humano na vida, a dor sinaliza para a necessidade de defesa e, desta forma, protege a integridade do eu. Mesmo que a duras penas, o ser humano pode aprender a não mais resistir às experiências dolorosas. Se for possível, como afirma Schopenhauer, que uma dor seja reprimida em uma de suas expressões, então “logo ela ressurge em cena, em milhares de outras formas (variando de acordo com a idade e as circunstâncias), como impulso sexual, amor apaixonado, ciúme, inveja, ódio, angústia, ambição, avareza, doença, etc”¹⁰.

Desfazer esse erro inato significa abandonar o otimismo que assenta a primazia de razão e intelecto sobre o corpo e a vontade. Contra tal visão otimista, Schopenhauer estabelece sua concepção de orientação pessimista, a saber, marcada pela consideração da primazia da vontade e do corpo. O filósofo afirma que a dor não pode ser concebida em termos de acidentalidade ou experiência do lado hostil da vida, mas, pelo contrário, como parte fundamental, necessária, que afirma a própria vida. Então, da negatividade passamos à positividade da dor. Se a vida fosse marcada por substancialidade, então não haveria necessidade de resistência física contra a degeneração.

É tempo de reconsiderarmos a noção de dor, na trilha do pensamento schopenhaueriano, e restabelecermos uma perspectiva agonística em lugar de uma visão harmonizadora por *logos* e de supostas tendências eudaimônicas do *cosmos* e da humanidade.

Freud e a questão da dor

Com uma linguagem inicialmente neurofisiológica, baseada na medicina e, posteriormente, em termos genuinamente psicanalíticos, Freud trilhou uma pesquisa que redimensionou o ser humano. A partir de sua obra, o corpo deixa de ser uma materialidade dissociada do espírito. Esse corpo passa a ser animado, marcado, erotizado e significado.

10 SCHOPENHAUER, 2005, p. 405.

Em seu *Projeto de uma psicologia científica* (*Entwurf einer Psychologie*), o autor explora uma psicologia de orientação naturalista, demonstrando os processos psíquicos desde suas supostas partes materiais. O texto freudiano expõe as incertezas e insuficiências da fisiologia diante da pretensão de apresentar uma concepção da existência humana em termos puramente quantitativos.

No que diz respeito ao tema da dor, Freud afirma que os dispositivos de natureza fisiológica falham quando um limite é ultrapassado. A dor está relacionada com essas ocorrências. Essas falhas, como constitutivos normais do organismo, são protótipos para o patológico¹¹. A dor, que é provocada na periferia corporal, ao ultrapassar a barreira do escudo protetor contra estímulos, atua como uma excitação pulsional contínua, contra a qual a ação muscular é impotente¹². Essa experiência insuportável não reduz quantidades a níveis administráveis, provocando transformações no organismo como um todo. Nasio afirma que a “imagem mental do ferimento, nascida da percepção da lesão, fixa a dor vivida num local preciso do corpo”¹³. Há uma espécie de distorção da percepção da dor, como se a região lesada passasse a ser imaginariamente identificada como periférica e exterior ao eu.

Em seu *Projeto*, o pai da psicanálise refere que o aparelho psíquico se constitui a partir de quantidades que tendem para a descarga e neurônios que veiculam essas quantidades. Estes, por sua vez, são divididos em neurônios perceptivos e neurônios de memória. Os neurônios de memória (neurônios ψ) são impermeáveis a quantidades a que estão submetidos e têm por função conservar a lembrança de acontecimentos marcantes. Já os neurônios perceptivos são subdivididos em: i) neurônios que têm por função perceber os estímulos provenientes do mundo exterior (neurônios φ), permeáveis à quantidade a que estão submetidos; e ii) neurônios que apresentam uma função de percepção dirigida para o interior (neurônios ω), ou seja, uma percepção endopsíquica. Esses neurônios detectam as variações da tensão psíquica, repercutindo-as na consciência como afetos agradáveis, desagradáveis ou dolorosos, produzindo, assim, sensações conscientes de qualidades.

Talvez a dor apresente um aspecto originário e físico, marcada por excessos de quantidade que arrebatam o sistema nervoso e nele fazem com que mesmo a impermeabilidade neuronal não tenha a capacidade de contenção dessas ener-

11 FREUD, S. (1895). **Projeto de uma psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 20.

12 FREUD, S. (1926[1925]). **Inibições, sintoma e ansiedade**. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1976; e **Projeto de uma Psicologia Científica** (1895).

13 NASIO, J. D. **A dor física**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 17.

gias. Então um evento físico de dor deixaria sua marca, um registro no psíquico. E esse registro pode vir à tona nas formas da consciência ou do inconsciente. Assim, um evento físico aparece como um pressuposto do trauma. A questão de excesso de quantidade que marca a noção de dor não pode ter uma explicação simplesmente orgânica, o que nos exige colocar em jogo a subjetividade de um evento, ou seja, a imagem de um evento e a forma como esse acontecimento ecoa na existência humana.

No texto o *Projeto*, a dor é articulada a partir de sua vivência, desde três distintos momentos¹⁴: no primeiro, um estímulo externo produz no psiquismo um aumento da excitação, que é sentida como desprazer; em um segundo momento, buscando a homeostase, o organismo tem uma tendência a eliminar esse desprazer, o que leva à formação de caminhos que oportunizam essa eliminação; e, em um terceiro momento, cria-se uma facilitação entre a inclinação por eliminar a excitação dolorosa e a imagem recordativa do objeto que excitou a dor.

Se, através de uma nova percepção, a imagem recordativa do objeto for novamente ocupada, então será produzido um estado semelhante à dor, que contém “desprazer e a inclinação para a eliminação que corresponde à vivência de dor”¹⁵. Cria-se, assim, pela ocupação de recordações, uma liberação do desprazer a partir do interior do corpo.

Segundo Nasio, ocorreriam registros da dor em três diferentes campos: i) no real, enquanto percepção sensorial física de intensa excitação; ii) no simbólico, com a formação de representação psíquica consciente do local lesado; iii) e, finalmente, no imaginário, na medida em que o corpo se traduz na exterioridade do eu e assimila que toda dor provém do ferimento experimentado como agente externo perseguidor¹⁶.

Devemos falar de um afeto, uma espécie de laço entre físico e psíquico, entre objetividade e subjetividade. A noção de dor exige esse tipo de complicação teórica que considera um pressuposto físico que nunca emerge como um evento isolado, mas sempre se expressa como um fenômeno trazido à tona por imagens mnêmicas, formando nossa memória desses registros. E trazer à tona esses registros da memória seria uma possibilidade de operar por lembranças. Uma lembrança nunca restitui um evento físico originário. Não ocorre sua reprodução, mas, diferentemente, oferece uma forma de revisitar suas marcas que conduziram às experiências e delas se formaram novas vias de facilitação. Isso poderia

14 FREUD, 1895, p. 34.

15 Ibid., p. 34.

16 NASIO, 2008, p. 18.

significar que, ao inscrever-se no psíquico, um evento físico apenas estaria na base ou cenário desde o qual um sujeito forma laços e imagens acerca do mundo.

Assim, a dor não tem necessariamente a origem física, mas psíquica. A dor é sempre subjetiva, e cada indivíduo apreende a aplicação da palavra na relação com suas próprias experiências. Dor é sempre um *estado psicológico*, mesmo que tenha um pressuposto físico. Então, “o vivido de uma dor é sempre o vivido da minha dor”¹⁷. Mesmo que um sujeito não tenha a habilidade para comunicá-la verbalmente, não significa que nele não se inscreva uma experiência dolorosa. Trata-se de uma experiência singular e intransferível. Sua comunicação verbal está fadada ao fracasso. A dor, concebida como “o mais imperioso de todos os processos”¹⁸, é incomunicável como aquilo que é. Apresenta-se em dimensão polifacética, como afeto, sintoma ou como objeto e meta do prazer sexual perverso sadomasoquista. Neste interjogo, a dor pode ser entendida como um dispositivo que equilibra a existência e pressupõe um sujeito que sente as experiências de dor associando afetos a fatos.

A dor não aniquila o eu, porém é capaz de desorganizá-lo. A percepção endopsíquica por parte do ego dos estados traumáticos, que foram registrados no *id*, leva-o à tomada de consciência e pode implicar em seu fortalecimento ou ação defensiva. Dessa forma, as vivências atuais são interpretadas em associação ao trauma. Não existe afeto novo, mas o retorno e a repetição de uma dor primordial. Então, segundo Nasio, “uma dor é humana porque é memória inconsciente. É realmente o inconsciente que humaniza o afeto doloroso, pois é ele que volta a dar vida à antiga dor de um traumatismo fundador”¹⁹.

Partindo da ansiedade e sofrimento que a criança apresenta diante de sua separação da mãe, Freud considera que “a dor é assim a reação real à perda de objeto, enquanto a ansiedade é a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento ulterior, uma reação ao perigo da perda do próprio objeto”²⁰.

Da mesma forma, o luto consiste em uma reação à perda real do objeto. Trata-se de um processo lento e doloroso em razão da exigência da retirada do *quantum* libidinal investido no objeto perdido. A dor aqui é dor de separação, que pode acontecer frente à perda de alguém amado, de uma parte de si como nos casos de amputação de um membro, ou ainda, dor de humilhação relativa ao amor próprio ferido.

17 Ibid., p. 30.

18 FREUD, 1895, p. 21.

19 NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, p. 85.

20 FREUD, 1926[1925], p. 195.

No *Rascunho G*, Freud ressalta outro tipo de perda ao considerar que a melancolia consiste em luto por esvaimento da libido, tendo como efeito o surgimento de uma inibição psíquica acompanhada de empobrecimento pulsional e sofrimento. Esse retraimento é como se fosse uma ferida psíquica, num modo análogo à dor²¹. Uma espécie de hemorragia interna por onde se esvai a libido.

A dor apresenta-se como um sintoma quando se manifesta na exterioridade a partir de uma pulsão inconsciente recalçada. Neste sentido, suas múltiplas configurações serão expressões de conflitos inter e intrapsíquicos. Embora seja um afeto penoso e desprazeroso, a dor não é igual ao desprazer²². Se for considerada a partir do viés de uma excitação traumática, seu advento significa a abolição do sistema prazer/desprazer como regulador do sistema psíquico. Ou seja, como afirma Nasio, “quando há dor, estamos além do princípio do prazer”²³.

Por fim, quando a dor torna-se objeto e meta do prazer sexual perverso sado-masoquista, há um retorno desta contra o próprio sujeito, seja aquele que goza em sofrer sob o jugo de um eu masoquista, ou aquele que goza em fazer sofrer sob os domínios de um superego sádico.

As ressurgências da dor podem ser irreconhecíveis em suas ligações com experiências remotas. Sua suportabilidade depende das transfigurações pelas quais se apresenta. Na dor haverá inevitavelmente um conteúdo representativo e seu investimento afetivo que, no caso, desagradável ou doloroso, rompe o ritmo homeostático, produzindo tensão psíquica. Assim transcorre a vida normal ou patológica, sempre como um embate entre pulsões. A homeostase é a morte, e a vida se transfigura em luta.

Incompletude do pensamento

Formar uma concepção de ser humano desde as diferentes experiências de dor como parte integrante e fundamental da existência destaca não apenas suas instâncias corporais e sensíveis, mas também sua realidade psíquica. O espaço tradicionalmente identificado pela força que *logos* ocupa na organização do ser humano e em suas relações com o mundo circundante e os outros seres, força esta que, por herança, gozou de uma imagem de onipotência, talvez em nossos tempos ressurgja como fração de vida diante de um universo que escapa ao pensamento, que escapa às palavras. Urge pensar um universo de coisas que podem

21 FREUD, S. (1895). *Rascunho G*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 288.

22 FREUD, 1895, nota 104.

23 NASIO, op. cit., p. 116.

acontecer para além do perímetro restrito da consciência. Talvez nada na vida psíquica se perca, sendo possível que todos os acontecimentos que cabem numa existência estejam conservados em registros que atravessam corpo e psíquico, e podem reaparecer.

As investigações sugerem a incompletude de definições, uma ausência de consenso, um mal-estar diante do que resiste como inominável, que escapa às tendências humanas de submissão do mundo às cifragens epistemológicas. Tal tendência aparece como irresistível oferta da suposta estabilidade de conceitos e definições em relação à estranha dinâmica da vida. A tentativa fracassada de estabilizar conceitualmente o fenômeno da dor nos conduzirá a uma abertura hermenêutica diante da construção de sentido da existência humana. Nesse momento, resta-nos a incômoda tarefa de continuar a pensar o mundo e o que somos.

Poliphacetic pain

Abstract: The article aims to present a possibility of redefining the human being by the subject of pain. The pain does not indicate what the world is in itself but a human experience of the world, a part of the dynamics of existence. Physically or psychically the pain tangles body and psyche. Psychoanalysis and philosophy can contribute for an assay of prejudice about the meaning that the proposed theme has in human existence and its restitution as a poliphacetic theme.

Keywords: Philosophy. Poliphacetic pain. Prejudice. Psychoanalysis.

Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

_____. **Arte retórica e arte poética**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1959.

FREUD, S. (1895). **Projeto de uma psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

_____. (1985). **Rascunho G**. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

ECO, Umberto. La filosofia è la cognizione del dolore. **La Repubblica**. 05/05/2015.

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **A dor física.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PLATÃO. **Fédon.** Coleção os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SCHOPENHAUER. Arthur. **Die welt als wille und vorstellung. Sämtliche Werke.** Bd. II. Stuttgart/ Frankfurt: Suhrkamp Taschenbuch Verlag, 1986.

_____. **O mundo como vontade e como representação.** São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Débora Rodrigues

KEYLLA TEMPEL JUNG
Av. Palmeira, 27 / 605
90470-300 – Porto Alegre, RS – Brasil
e-mail: mitsyjung@gmail.com

MAGDA B. MARTINS COSTA
Rua Dona Laura, 414 / 806
90430-090 – Porto Alegre, RS – Brasil
e-mail: magda.martins.costa@gmail.com

RAFAEL WERNER LOPES
e-mail: rafaelwernerlopes@hotmail.com